



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**FATORES ESCOLARES ASSOCIADOS A SAÚDE MENTAL DE
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

Brasília – DF

2022

ÉRIKA VICTÓRIA TEIXEIRA DO NASCIMENTO

**FATORES ESCOLARES ASSOCIADOS A SAÚDE MENTAL
DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado,
como requisito básico para a conclusão do
curso Pedagogia pela Universidade de Brasília,
sob orientação das Professoras Andréia Mello
Lacé

Brasília – DF

2022

Fatores escolares associados a saúde mental de estudantes do ensino médio.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito básico para a conclusão do curso de Pedagogia pela Universidade de Brasília, sob orientação da professora Andréia Mello Lacé

Membros da Banca Avaliadora

Orientadora: Andréia Mello Lacé

Profa. Dra. Fatima Ali Abdalah Abdel Cader-Nascimento

Profa. Dra. Ana Maria de Albuquerque Moreira

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que é a razão do meu viver e é graças a Ele que estou aqui e posteriormente a minha família especialmente a minha mãe que é a minha base e quem me ensinou que a educação é importante e apoiou minha escolha pela Pedagogia da forma mais sublime possível; e a minha avó que me fez brilhar os olhos quando contava sobre seu sonho em ser professora e seu amor pelo conhecimento.

Dedico este trabalho também a todos que de alguma forma fazem parte de um corpo escolar e os convido para olhar para cada porcentagem e para cada número, como pessoas e especialmente como estudantes, que passam por nós todos os dias e sentam nas cadeiras em nossas salas de aula.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de estar aqui e por colocar em mim o amor pela educação, em segundo lugar agradeço a minha família. A minha mãe que batalhou para me dar a melhor educação possível e semeou com amor e dedicação cada sonho meu, aos meus tios, tias e primas que se fizeram presentes em cada etapa da minha vida me apoiando.

Aos amigos que a UnB me deu: Dayanne, Luciana, Sarah, Mylene, Thaís e João Paulo com quem compartilhei risadas, lágrimas e muitos trabalhos em grupo, obrigada por fazerem da minha graduação um momento mais leve e com boas memórias.

Agradeço as minhas melhores amigas por me apoiarem e terem vivido cada momento deste sonho comigo.

Aos professores que passaram por mim durante toda minha formação que me ensinaram a decidir qual tipo de professora gostaria de ser, e especialmente aos professores da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília que trouxeram muito mais do que conhecimento para a minha formação, mas que me fizeram amar a Universidade de Brasília e acreditar que a fala de Paulo Freire é real: “a educação não muda o mundo. A educação muda pessoas e pessoas mudam o mundo”.

Agradeço todo o carinho, esforço e dedicação da minha orientadora Andréia Mello Lacé, que me encantou com suas aulas e delicadeza desde o início da minha graduação.

“Educar é viajar no mundo do outro, sem nunca penetrar nele. É usar o que passamos para transformar no que somos.”

(Augusto Cury)

RESUMO

O presente trabalho objetivou identificar fatores escolares associados a saúde mental dos estudantes do ensino médio, caracterizando o ensino médio no Brasil e as questões relacionadas a saúde mental dos estudantes desta etapa da educação básica. A pesquisa foi de abordagem qualitativa e se baseou em estudos de fontes primárias (AVANCI, ET AL, 2007, PINTO ET AL, 2014) e secundárias. E para estudo sobre o Ensino médio apoiou-se principalmente nas produções Krawczick (2011) e Pinto (2002). Por fim trouxe o levantamento de produções científicas que apontam para a realidade da saúde mental dos estudantes, baseando-se na sintomatologia para observação da prevalência dos fatores que influenciam na saúde mental deles. Foi observado como fatores de prevalência elementos como ser do sexo feminino, trabalhar e ter um bom relacionamento com a família sendo diferenciais para a saúde mental dos estudantes. E fatores escolares como bullying, má preparação do corpo escolar, vestibulares e avaliações e pressões como relevantes na saúde mental dos estudantes do ensino médio. A proposta deste trabalho não é mostrar as deficiências do ensino médio na implantação de programas de saúde mental nas escolas, mas prestar conhecimento sobre o assunto que é vivido diariamente em sala de aula e impacta no desenvolvimento dos estudantes podendo ser determinantes no sucesso escolar, afirmando a necessidade de políticas públicas e programas escolares voltados a saúde mental dos estudantes do ensino médio.

Palavras-Chave: Ensino médio; Saúde mental e adolescência

ABSTRACT

The present study aimed to identify school factors associated with the mental health of high school students, characterizing high school in Brazil and issues related to the mental health of students at this stage of basic education. The research had a qualitative approach and was based on studies of primary (AVANCI, ET AL, 2007, PINTO ET AL, 2014) and secondary sources. And for the study of High School, it was mainly supported by the productions Krawczick (2011) and Pinto (2002). Finally, it brought the survey of scientific productions that point to the reality of the mental health of students, based on the symptomatology to observe the prevalence of factors that influence their mental health. Elements such as being female, working and having a good relationship with the family were observed as factors of prevalence, being differentials for the mental health of students. And school factors such as bullying, poor preparation of the school body, entrance exams and evaluations and pressures as relevant in the mental health of high school students. The purpose of this work is not to show the deficiencies of high school in the implementation of mental health programs in schools, but to provide knowledge about the subject that is lived daily in the classroom and impacts the development of students and can be decisive in school success, stating the need for public policies and school programs aimed at the mental health of high school students.

Keywords: High School; mental health and adolescence

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO TCC.....	10
MEMORIAL	11
MONOGRAFIA	13
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: A ORGANIZAÇÃO DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL:.....	16
CAPÍTULO 2: OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E A SAÚDE MENTAL.....	23
CAPÍTULO 3: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	49
REFERÊNCIAS	50

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho se configurou em 3 partes. A primeira parte é constituída pelo Memorial Educativo, em que busquei relatar minha caminhada escolar e o quanto a graduação em Pedagogia se constitui como um sonho de continuar sendo afetada a partir da educação.

A segunda parte desta pesquisa é a Monografia momento em que são apontados fatores escolares que influenciam na saúde mental dos estudantes do ensino médio. Para tanto, definimos o que é saúde mental e o porquê dos estudantes do ensino médio se caracterizarem como mais vulneráveis aos transtornos mentais. Além disso, apresentamos ainda uma revisão bibliográfica sobre fatores escolares que influenciam na saúde mental de estudantes do ensino médio, analisando os fatores de prevalência e como a escolarização se encontra nestes fatores.

Por fim na terceira parte deste trabalho, se apresentam as perspectivas profissionais em que objetivo consiste em impactar positivamente a vida de meus alunos através do conhecimento. Posteriormente, após a finalização da graduação, pretendo continuar a formação realizando capacitação em neuropsicopedagogia e outras capacitações para trabalhar com estudantes com necessidades educacionais especiais e na produção acadêmica. Tenho interesse em continuar os estudos sobre fatores escolares que influenciam na saúde mental dos estudantes e refletindo para estudos futuros a criação de projetos e meios de reduzir os impactos negativos do processo de escolarização dos estudantes ampliando a discussão para além da etapa do ensino médio.

DIMENSÃO 1: MEMORIAL EDUCATIVO

A paixão pelo ensino e o conhecimento sempre foi algo presente na história da minha família, sendo ser professora o sonho de vida não realizado da minha avó Maria. Posteriormente, os sonhos foram se cumprindo, inicialmente pela minha mãe que alfabetizou adultos na chácara que moravam.

A minha escolarização é marcada pelo trabalho da Psicopedagoga, Lídia Maria, que me atendeu por 3 anos no Centro de Orientação Médico Psicopedagógica (COMPP) do Distrito Federal, para tratamento de síndrome de maus-tratos. O trabalho desta psicopedagoga foi marcante, ao usar a educação e a psicologia como forma de me libertar dos meus medos e me proporcionar a chance de ver a educação como forma de cura.

No decorrer da escolarização houve muitos desafios e limitações que influenciaram no meu desenvolvimento escolar, fazendo com que inúmeras vezes eu estivesse de recuperação e obtivesse mais dificuldades para alcançar o sucesso escolar. Me lembro que no 5º ano, minha história mudou, a entrada em uma nova escola muito me auxiliou e no 6º ano fazendo amizades e tendo professores que focavam de maneira mais comprometida com meu desenvolvimento descobri o prazer de obter conhecimento e alcancei melhora nas notas e no aprendizado.

Durante esta época meu maior sonho era ter um quadro verde de giz para brincar de “escolinha”, pois desde então meu sonho era ser professora e poder ajudar a outros que tivessem dificuldades como eu. Com a superação das dificuldades de aprendizagem não demorou para que meus primeiros alunos surgissem, ainda nos anos finais do Ensino Fundamental, devido ao ótimo desenvolvimento escolar e habilidade para transmitir o conteúdo aos colegas.

Então tive minha primeira aluna, Antônia, aluna da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que estava voltando a estudar e precisava de auxílio com matemática e compreensão de texto e, posteriormente, Isabela, minha primeira aluna de alfabetização e depois Felipe, o meu primeiro aluno com necessidades educacionais especiais que era filho de uma senhora que fazia faxina na minha casa, onde pude experienciar a sensação de dar aulas e ver novamente como a educação pode transformar realidades e que barreiras podem ser transpassadas com o método certo e o atendimento adequado.

Desde então minha história vem sendo cruzada com a educação da forma mais desafiadora e encantadora possível. Até mesmo quando eu desisti de cursar Pedagogia para

cursar serviço social, o ensino me encontrou na Organização não Governamental (ONG) em que prestava serviço voluntário e me fez ver que a educação é a melhor forma de transformar realidades e superar as limitações propostas pela vida. E com as marcantes palavras da professora de artes do ensino médio, Gabriela Pedron que entrava na sala com alegria e inundava os corações com o conhecimento, eu retornei ao sonho de ser professora.

Ingressar na Universidade de Brasília sempre foi um sonho, uma paixão inexplicável pelo que aquele lugar representa para na minha história e para o conhecimento científico e estar lá e concluir minha graduação nesta tão sonhada Universidade, me faz ver a vida sobre a ótica da pluralidade do viver e amar a vida. Na graduação tive a oportunidade de conhecer professores maravilhosos que não só mudaram minha perspectiva como profissional, mas como pessoa. Disciplinas como Oficina Vivencial, Educação e Linguagens Tecnológicas, Perspectiva do Desenvolvimento Humano, Aprendizagem de Língua Materna, Processo de Alfabetização, Administração das Organizações Educativas, Educação de Jovens, Adultos e Idosos, Literatura e Educação e tantas outras me ensinaram a amar ainda mais a arte de educar.

DIMENSÃO 2: MONOGRAFIA

Introdução

De acordo com a Organização Mundial de Saúde -OMS (2017) o Brasil é o país com a maior prevalência de transtorno de ansiedade no mundo, e o 5º com transtornos depressivos, tendo como número mais alarmante 195.979 mortes autoprovocadas, entre 1996 e 2017, de acordo com o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Deste quantitativo uma grande maioria é de jovens e adolescentes fazendo com que, de acordo com a OMS, o suicídio seja a segunda maior causa de mortes entre jovens de 15 a 29 anos.

Tais números alarmantes refletem realidades que são vividas no país e que estão presentes nas escolas, o que aponta a relevância da temática saúde mental a ser abordada nas salas de aula de forma adequada e que se possa analisar quais fatores presentes na escolarização dos estudantes de ensino médio impactam negativamente na saúde mental destes.

No decorrer da minha escolarização no ensino médio (2015-2017) a temática chamou-me atenção devido a convivência com colegas com sintomas de adoecimento emocional. Eles relatavam nos diálogos sobre fatores escolares que provocavam adoecimento psicológico e que eram apontados por outros pares de diferentes instituições de ensino como fatores em comum que impactavam o sucesso escolar dos mesmos e a vida extra-acadêmica. Fatores estes que não se mostravam como observados pelo corpo escolar e ao ingressar na graduação observei que tais fatores não eram frequentemente refletidos pelos discentes em licenciaturas ou ciências da educação.

Portanto, o presente trabalho se constituiu a partir do seguinte problema de pesquisa: quais fatores escolares influenciam na saúde mental dos estudantes do Ensino Médio? Sendo assim, o objetivo geral da pesquisa foi: identificar quais fatores escolar influenciam na saúde mental dos estudantes do Ensino Médio. Os objetivos específicos foram os três que seguem:

- Compreender a organização do ensino médio na política pública nacional de educação.
- Caracterizar problema e transtorno psicológico, enfatizando porque a adolescência é uma fase de vulnerabilidade para a saúde mental;

- Analisar fontes secundárias levantando fatores extra e intraescolares que podem ser possíveis fatores de prevalência de prejuízo a saúde mental dos estudantes do ensino médio.

A abordagem da pesquisa foi qualitativa, metodologia na qual o foco principal se concentra no estudo de fatores subjetivos. De acordo com Minayo (2001, p. 14) “A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Devido ao caráter de poder analisar diversos fatores apontados na produção, este foi o caráter metodológico escolhido para melhor conseguir analisar os mais diversos fatores escolares que influenciam na saúde mental dos estudantes do ensino médio.

O procedimento metodológico adotado foi a análise em fontes primárias e secundárias, por meio da revisão de literatura, metodologia que consiste em realizar levantamento de produções anteriormente realizadas sobre um determinado tema delimitado em determinado período.

A pesquisa para a revisão de literatura destacou reflexões sobre os possíveis fatores escolares que podem influenciar na saúde mental dos estudantes do ensino médio através da produção científica publicada, entre 2005 a 2021, sobre o tema.

Este trabalho se estruturou em três capítulos sistematizados.: O primeiro capítulo intitulado, “A organização do ensino médio no Brasil: História e dilemas ”, apresenta um panorama histórico sobre o ensino médio no Brasil para melhor compreensão da estrutura de tal etapa educacional no país e sua importância para a educação básica; O segundo capítulo, nomeado “Os estudantes do ensino médio e a saúde mental”, conceitua saúde, saúde mental e o porquê da adolescência ser uma fase de desenvolvimento de vulnerabilidade a saúde mental. Expõe mais as questões de saúde mental dos indivíduos, conceituando e apresentando um embasamento teórico de tal fase de desenvolvimento. Por fim, o capítulo três apresenta uma revisão bibliográfica com a intenção de extrair das pesquisas quais fatores no geral são apontados como influenciadores na saúde mental de estudantes do ensino médio. Com base nesses dados, realizar apresentação de fatores escolares apontados nas literaturas como influenciadores na saúde mental dos estudantes do ensino médio.

CAPÍTULO 1: A ORGANIZAÇÃO DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL: HISTÓRIA E DILEMAS

Neste capítulo será apresentado a construção do ensino médio no Brasil para então levar a compreensão de como esta última etapa da educação básica exerce influência na saúde mental dos estudantes.

1.1 Contextualização histórica do ensino médio no Brasil

A história do ensino médio no Brasil é marcada pela dualidade de ensino entre a formação propedêutica e o ensino profissionalizante. Esta dualidade representa empasses importantes na decisão de para quem é destinado o ensino no Brasil e qual o seu principal objetivo, mas cabe estabelecer que esta dualidade é marcada pela desigualdade histórica da educação no Brasil, e se concentra, sobretudo, no paradigma entre formar o estudante como cidadão ou como trabalhador. (KRAWCZYK,2011)

O Brasil é um país que se tornou colônia de Portugal, a partir do “descobrimento”. Com a vinda da elite e da família real portuguesa para o Brasil, em busca de fugir das tropas de Napoleão Bonaparte, era preciso pensar em projeto educacional para o país. Sendo assim, surgiu uma cultura no país que não é muito diferente atualmente: a terceirização do ensino. Estudiosos, como José Marcelino de Rezende Pinto (2002) e Neto & Marciel (2008) responsabilizam, os jesuítas pela educação no país e em seu nascedouro a educação era destinada exatamente aos que pertenciam a elite, de tal forma que negros, indígenas e colonos pobres foram excluídos neste sistema de ensino. Esta cultura, apesar da diferença temporal, permanece no país, mesmo o sistema de ensino tendo avançado décadas e passado por diversos governantes e conjunturas políticas. Romper com as bases educacionais excludentes históricas de um país exige mais do que mudança de décadas e de governos é preciso acessar os principais excluídos e estabelecer políticas públicas educacionais que efetivamente os traga a escola, bem como é necessário e torná-la um espaço preparado para receber a todos e todas.

Continuando com a caminhada histórica na educação do país, durante o período Joanino os jesuítas foram expulsos do país e começou a vigorar o sistema de aulas régias, onde foram instituídas às aulas avulsas. As aulas avulsas eram ministradas por professores para substituir

o ensino secundário que era dado pelos Jesuítas. Após a independência de 1822 a Assembleia Geral e Assembleias Provinciais se tornam responsáveis pela formação educacional de todo país. Neste período, a educação escolarizada se referia principalmente ao ensino da Côrte e da elite. Com a Primeira República já havia um sistema de ensino, mais integração para o ensino popular apesar de ser muito grande a desigualdade entre o ensino para as classes populares e para a elite (KRAWCZYK,2011; PINTO ,2002).

Outra transformação marcante na educação do país veio com a chegada de Getúlio Vargas ao poder em 1930, sendo chamado historicamente de Revolução de 30, tamanha as mudanças políticas, históricas e sociais que o período trouxe ao país. Como já apresentado aqui a educação tem grande tendência a acompanhar as mudanças que acontecem na sociedade que a cerca, e aqui não foi diferente. O país passava por uma fase de inovação relacionada aos meios de produção o que proporcionou ao país uma caminhada ao ensino profissionalizante. Este ensino em sua maioria era destinado as classes mais populares da sociedade, enquanto as classes mais favorecidas possuíam o ensino que os destinava ao ensino superior.

O ensino profissionalizante na era Vargas ganhou grande destaque em 1942 com criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), que seria coordenado por forças empresariais da época, quando já havia sido iniciada a ditadura Vargasista.

Durante a década de 1930, sob a ditadura de Getúlio Vargas, o crescimento cada vez mais acelerado das forças econômico-sociais vinculadas às atividades urbano-industriais, estruturado em um modelo nacional-desenvolvimentista, propiciou que a Constituição promulgada na época estabelecesse um regime de colaboração entre indústria e Estado para a criação de sistemas nacionais de formação de mão de obra para as novas ocupações abertas pelo mercado. Foi assim que o empresariado assumiu gradativamente maior responsabilidade de formação de mão de obra qualificada com a contribuição do governo federal nos diferentes níveis de escolarização. (KRAWCZYK, 2011, p. 758)

Já sobre o Governo de João Goulart surgiu a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). instituída pela Lei 4.024/61. Nessa lei são apresentados fragmentos que falam sobre a importância da qualidade de ensino e uma estrutura melhor preparada para a formação educacional, porém a maioria das resoluções estabelecidas por esta lei foram revogadas quando houve o início da ditadura civil militar.

A ditadura civil militar propôs grandes transformações na sociedade com impactos no ambiente escolar. No ensino médio esta mudança pode ser vista quando houve a divisão do segundo grau, com a Lei 5.692 de 1971, em pleno Governo de Garrastazu Médici, até então, essa etapa de escolarização era chamada de colegial. O ensino de segundo grau passou a ter duração de três anos e com profissionalização compulsória em todas as escolas de segundo

grau, enquanto o primeiro grau teria duração de 8 anos sendo este obrigatório e gratuito nas escolas públicas.

Neste período é facilmente visível a estratificação social no ensino onde os de classe menos favorecidas eram destinados ao ensino público profissionalizante e os que possuíam dinheiro para pagar escolas particulares recebiam formação propedêutica. Nota-se nesse processo que o ensino privado havia se especializado em encaminhar seus alunos para o ensino superior, preponderando o mercado da educação que ainda é facilmente visível atualmente (KRAWCZYK, 2011; PINTO, 2004).

Já em 1982 até 1988 encaminhando para redemocratização do país, a educação sofreu grandes influências dos movimentos estudantis, da sociedade civil e movimento de educadores para a ampliação do sistema público de ensino e para a garantia do direito à educação. O principal direito que aqui será destacado na constituição de 1988 para a educação será o apresentado pelo artigo 205. Nesse artigo é apresentado que a educação é um direito de todos e dever do Estado onde se destaca a proposta de uma quebra histórica de exclusão de indivíduos a escola com o objetivo de proporcionar o “Pleno desenvolvimento da pessoa”, “o preparo para o exercício da cidadania” e sua “qualificação para o trabalho” e de forma gratuita como afirmado nos incisos 1º e 2º, do artigo 206, da Constituição Federal de 1988. (BRASIL, 1988).

A Emenda Constitucional de 2009, ampliou a garantia do direito público subjetivo à educação para as crianças e jovens de 4 a 17 anos, da pré-escola ao ensino médio. Ou seja, por meio desta Emenda quase toda a educação básica passou a ser compulsória. A Constituição estabelece ainda a cooperação entre as entidades federativas: União, Estados, Distrito Federal e Municípios, para a equalização das oportunidades educacionais entre regiões, Visa também garantir um padrão mínimo de qualidade, assistência técnica e financeira, conforme o que está previsto no artigo 211. Deste modo, o ensino médio é incumbência prioritária dos Estados e do Distrito Federal.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, dedica a Seção IV, ao ensino médio e estabelece a sua duração: três anos; e as suas finalidades. Destacam-se:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (BRASIL, 1996).

Observa-se que as finalidades são amplas e contextualizadas à formação do educando e ao seu aprimoramento enquanto pessoa humana. No próximo item, detalharemos melhor o ensino médio, após a promulgação da Constituição de 1988.

1.2 O Ensino médio pós Constituição de 1988

Quanto ao ensino médio, os avanços se concentram no fato de se tornar prioridade para os Estados e o Distrito Federal de acordo com a Constituição e com a LDB, e determinação de que este nível de ensino deveria ter 800 horas distribuídas em 200 dias de efetivo trabalho escolar e o principal que é o ensino médio se tornar direito do cidadão e dever do Estado.

Os avanços e retrocessos na educação no nível médio continuaram com o tempo, em 1996, no governo de Fernando Henrique Cardoso ocorreu a aprovação da segunda LDB. A Lei 9694/93 dividiu o ensino em dois níveis: educação básica e superior, assim como foram estabelecidos os Parâmetros Nacionais para a Educação (PCN'S) e a criação do sistema de avaliação da qualidade de ensino no caso o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Esse exame objetiva analisar a qualidade do ensino médio no país e, posteriormente, ser usado como instrumento de ingresso no ensino superior.

Nos governos seguintes a educação continuou a caminhar em direção ao ensino profissionalizante com o projeto de formação integral. No governo de Luiz Inácio Lula da Silva trazendo a reintegração do ensino técnico contemplado no Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB) e com a educação básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) com o Programa de Integração da Educação Profissional (Proeja), Programa de Integração da Educação Profissional Formação Inicial e Continuada (Proeja FIC) e Proeja indígena a partir do decreto nº5.840/2006.

E em sucessão ocorreu a ampliação da oferta de cursos de educação profissional e técnica por programas, projetos e ações de assistência técnica e financeira no governo Dilma Rousseff com o PRONATEC (lei 12513/2011).

1.3 Novo Ensino Médio

O ano de 2022 se torna marcantes nas mudanças do ensino médio com a efetiva implementação do chamado “Novo Ensino Médio” (NEM). A criação foi em 2017 com a proposta de diminuir a evasão escolar neste nível escolar, além de trazer teoricamente a ideia

de diminuir o distanciamento entre os conteúdos curriculares e a realidade vivida pelos estudantes sendo uma forma de articular o ensino e a realidade da sociedade do século XXI.

O novo ensino médio, implementado pela Lei 13.415/2017, vem sendo marcado pela grande mudança estrutural que o projeto traz, fazendo com que a carga horária aumente para 1000 horas anuais. Essa carga horária é dividida em 60% preenchido por disciplinas de formação básica e conteúdo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e 40% preenchido por itinerários formativos em que o estudante poderá escolher entre uma ou mais das 5 áreas em que o estudante poderá escolher de acordo com o projeto. Porém a escola não é obrigada a ofertar todos os itinerários formativos, além do fato de que disciplinas de desenvolvimento do pensamento crítico como história, sociologia e filosofia foram unidas em uma disciplina só com o nome de ciências humanas, disciplinas essas que auxiliam os alunos a pensar seu ser e estar no mundo. Além deste, os estudantes poderão escolher como itinerário formação em nível técnico ou profissional que as escolas poderão oferecer em parceria com unidades particulares de ensino que fazem parceria para ofertar os cursos. (BRASIL, 2016,)

O novo ensino médio vem sendo questionado, dentre outros aspectos, pelo formato curricular em que as novas diretrizes da BNCC e do Plano Nacional do Livro e Material Didático (PNLD), terem excluído temas considerados pelo governo federal como ideológicos, enquanto disciplinas de ciências humanas que possuem o enfoque em desenvolver o pensamento crítico terão menos horas aula no currículo.

Outro ponto que vem sendo questionado é o fato do objetivo curricular desenvolver competências e conhecimentos considerados essenciais para a formação dos estudantes. Competências e conhecimentos que são considerados importantes para quem? Para estudantes que pouco foram ouvidos? Ou para escolas que alegam não ter tido espaço no diálogo para formação? Ou competências e conhecimentos considerados essenciais por um Estado que busca alcançar alienação populacional e alcançar boas notas em testes que só valorizam conhecimentos em português e matemática, visto que estas disciplinas serão as únicas obrigatórias durante os três anos do ensino médio.

O novo ensino médio está marcado pelo debate de como irá ocorrer a diminuição das desigualdades sendo que algumas barreiras estruturais serão ampliadas como o acesso à educação superior, por exemplo. Como será feito o preparo para vestibulares para os estudantes de escolas públicas? Enquanto os alunos de instituições privadas receberão cursinhos e trilhas voltadas para o ingresso em universidades.

O ensino médio é um nível fundamental na escolarização e é defendido que este nível deva ser reformulado, visto que a escola é um órgão vivo que sofre impacto das mudanças que

influenciam a sociedade. As mudanças geram a necessidade de se adaptar para recebê-las não só como instituição passiva, mas como aquela que questiona as mudanças, potencializa, mas como um espaço que também gera mudanças que devem migrar para a sociedade.

O ensino médio é marcado pelas mudanças que esta fase propõe para os estudantes, onde os mesmos são preparados para a vida adulta em sociedade, porém quando os estudantes ingressam neste nível de ensino ainda são bem novos, com idade média entre 15/16 anos no ensino regular. A faixa etária de entrada no ensino marca um período de transformações psíquicas e corpóreas, gera muitas vezes conflitos de identidade. Momento em que a constituição da subjetividade busca autonomia, vínculos, processo em que o psicológico e personalidade ainda está em formação. Momento em que há a presença de grandes dúvidas e questionamentos a respeito do futuro e de como será a vida após o ensino básico.

O ensino médio é um período fundamental na escolarização, porém também é um período crucial na formação do indivíduo devido ser de forma regular entre 15 a 18 anos, fase em que se concentra adolescência. Período de construção, no qual os processos mentais passam a ser ocupada por novas preocupações quanto ao futuro e passam a lidar com novas cobranças da sociedade, família, escola e para com seus pares.

Tais mudanças refletem de forma incisiva na saúde mental dos estudantes de tal forma que segundo a OMS a segunda causa de morte em pessoas entre 14 a 29 anos é o suicídio ficando atrás apenas de acidentes de carro. Ao se discutir níveis tão alarmantes é fundamental não apenas pensar nas causas que levaram tais indivíduos a não suportar a dor, tamanho sofrimento psicológico, e a alternativa encontrada é eliminar a dor e não a vida. Refletir no campo da educação em qual seria o papel da escola para com tais indivíduos, visto que a escola é um local de mudança e transformações na sociedade. Será que a nova proposta do ensino médio, voltada para a qualificação profissional, possui ferramentas que irão lidar com os altos índices de suicídio entre os jovens? Portanto, como a escola deveria agir para melhorar a saúde mental dos estudantes? Sabemos que não cabe ao sistema de ensino tratar clinicamente os casos de adoecimento psicológico, mas não podemos negar que os adolescentes passam mais tempo na escola do que em outros espaços sociais. Nesse sentido, o que poderia ser feito? Que movimentos estão sendo realizados para lidar com essa situação? Será que um importante instrumento de levar conhecimento a sociedade sobre a importância da discussão sobre saúde mental, seria uma alternativa?, Será que da mesma forma que são discutidas as doenças sexualmente transmissíveis (DST's), a importância de atravessar na faixa de pedestre e não jogar lixo na rua, campanha contra drogas, porém à educação também cabe a discussão sobre como a escola tem influenciado no processo de adoecimento dos indivíduos.

De acordo com a Constituição brasileira de 1988 o Estado tem o papel de dar assistência à saúde dos indivíduos e o direito à saúde se encontra lado a lado ao direito à educação no artigo 6º da legislação como pode ser observado no trecho a seguir bem como o artigo 227 e §1º que retratam:

1º O Estado promoverá programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente e do jovem, admitida a participação de entidades não governamentais, mediante políticas específicas e obedecendo aos seguintes preceitos:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (BRASIL, 1988).

Sendo que de acordo com a Emenda Constitucional nº 59, de 2009 é dever do Estado garantir atendimento ao educando em todas as etapas da educação, seja com materiais escolares, transporte alimentação ou assistência à saúde, sendo os estados e os municípios atuarão prioritariamente no ensino médio e no ensino fundamental. (AZEVEDO,2001)

Faz-se necessária a reflexão de como garantir a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Precisamos lutar para que a legislação e a escola não negligenciem a presença de alunos com adoecimento psicológico, mas que haja o compromisso ético de buscar, ações para permanência e promover a igualdade de acesso para tais alunos. Eles precisam ser vistos pelo sistema escolar, cabe ao sistema, aos professores colocar a todo o momento que eles não estão sozinhos. O acolhimento, ser visível para alguém pode ser um caminho a ser seguido. Mesmo que no dia a dia em sala de aula tais alunos sejam facilmente encontrados chorando pelos corredores e com baixo desempenho escolar, mesmo manifestando esses comportamentos eles ainda parecem invisíveis ao sistema.

CAPÍTULO 2: OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E A SAÚDE MENTAL

Este capítulo irá apresentar a contextualização sobre o que é saúde e saúde mental, refletindo teoricamente sobre a complexidade desta temática e apresentando o estudo de Fukuda, Garcia & Amparo (2012), Soares et al (2014) e Giardin (2011) sobre o que professores e alunos interpretam como saúde mental. Também será caracterizado a adolescência quanto fase de desenvolvimento elucidando o porquê desta fase ser um período de vulnerabilidade para a saúde mental.

2.1 Contextualização sobre Saúde e saúde mental

Para uma compreensão precisa de fatores escolares que influenciam na saúde mental de estudantes se faz necessário a compreensão da etimologia de o que é saúde mental. De acordo com a proposição da OMS, saúde pode ser classificada como “um estado completo de bem-estar físico, mental e social e não apenas ausência de doença ou enfermidade” (KOLLER; MORAIS, 2006, p. 73). Desmembrando a partir desta classificação de saúde, como um aspecto que aborda o ser em sua integridade física, mental e até mesmo social, Boruchovitch e Mednick (2002, p. 176) vão além dessa conceituação de saúde, apresentando fatores de bem-estar e fatores como sentimentos como parte da constituição da saúde, conceituando como “a capacidade funcional adequada que permite à pessoa realizar suas obrigações e responsabilidades, ou em termos de certa qualidade de vida que o permite viver feliz, com sucesso, de forma frutífera e criativa”.

Fukuda, Garcia e Amparo (2012, p.208) acrescentam a concepção de que fatores como características do contexto sociocultural na definição de práticas ditas saudáveis ou não, aspectos psicológicos, sociais e espirituais devem ser considerados na conceituação de saúde e sua construção. As autoras trazem destaques para o contexto sociocultural na caracterização de saúde, apontando que “a existência de relações recíprocas, baseadas no afeto e equilíbrio de poder pode gerar um desenvolvimento saudável”. Será que isso ocorre com os adolescentes matriculados na rede pública de ensino?

Porém quando se fala em saúde mental há uma complexidade diferente devido à especificidade do tema. Apesar de estar incluída na generalização de saúde, a saúde mental se

configura de uma forma diferenciada por se tratar de fatores psicológicos. A própria conceituação de saúde mental passou por diversas modificações com o decorrer do tempo se adequando a cultura, estudos e o período histórico (GIARDIN,2011), (BARBOSA & RODRIGUES,2006), (TAYLOR,1992). Essa temática vem ganhando espaço nos debates e como direito tendo como um marco a inclusão do direito à saúde e saúde mental em dois pactos dos direitos humanos pela ONU na segunda metade da década de 60. (GIARDIN,2011)

Toma-se com base a definição de Pinto et al (2014) de saúde mental como: “A ausência de transtornos mentais”. Trata-se da capacidade de administrar a própria vida e as emoções dentro de um grande espectro de variações, sem, contudo, perder o valor do que é real e precioso (ONU,2002). Apesar de ser ampla, a conceituação aponta os diversos fatores que podem influenciar a saúde mental. E por tal amplitude da temática se faz necessária a elucidação do tema para que possa ser trabalhado em sala de aula, indo para além do senso comum.

De acordo com a pesquisa realizada por Soares et al (2014) o tema é considerado pouco abordado no ambiente escolar e com pouca informação disponível, apesar de os professores considerarem tal temática importante. Os dados da pesquisa de Soares et al (2014) os resultados da análise pelo Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), para 58,1% dos professores a saúde está relacionada ao “bem-estar físico, mental e espiritual caminhando juntos. É ter disposição e ser saudável em todos os sentidos, o que leva o cidadão a ter autoconfiança” e, 41,9% dos professores definiam a saúde mental como: “a capacidade de estar livre de transtornos que tiram o equilíbrio emocional” (SOARES et al,2014). Reforçando a necessidade de elucidação da temática e ampliação dos debates para que haja um aprofundamento e melhor compreensão sobre a real influência da saúde mental na vida dos indivíduos e de forma sistemática, na vida dos estudantes, visto que de acordo com Pinto, et al (2014) adolescentes cujas necessidades em saúde mental são reconhecidas têm melhor adaptação em termos sociais, melhor desempenho na escola e são mais propensos a se tornarem adultos mais adaptados e produtivos que aqueles cujas necessidades não são atendidas

Segundo a pesquisa de Fukuda, Garcia & Amparo (2012), com o enfoque de apresentar a concepção de saúde mental, a partir de representações em desenhos feitos por adolescentes, estudantes do ensino médio do Distrito Federal. A pesquisa foi realizada em dois espaços distintos: em uma escola pública de baixo índice de desenvolvimento humano (IDH), e em uma escola particular de alto IDH. Os dados revelaram que a concepção dos estudantes sobre saúde mental se concentrava em representações que se categorizavam em estar bem consigo mesmo e autoestima sendo o fator que mais apresentado pelos estudantes tanto da escola particular (26,4%), quanto aos alunos da escola pública (23,2%), não se distanciando da concepção

apresentada pelos professores no estudo de Soares et al (2014). Porém os estudantes apontaram outros fatores como estar bem com o outro (7,6%) e (9,15%), família (16,4%) e (11,2%), amigos (12,9%) e (6,3%), contexto social (7,05%) e (2,8%), adoecimento físico (0,6%) e (4,9), algo complexo e indefinido (3,5%) e (0,7), escola (3,5%) e (0,7%). Os dados obtidos reforçam a fala das autoras de que os estudantes visualizam a conceituação de saúde se caracterizando como algo multidimensional e a concepção dos estudantes sobre saúde mental sendo adquirida a partir de elementos sociais e da interação com o ambiente e o outro. (KOLLER & MORAIS, 2006; FUKUDA, GARCIA & AMPARO, 2012)

Em outro estudo com a mesma proposta de analisar a concepção de estudantes sobre saúde mental, porém através de questionários realizada por Giardin em 2011, com estudantes do ensino médio do Colégio técnico de Santa Maria, RS. Os dados revelaram que de 156 participantes 28 associavam o tema saúde mental a hospitais psiquiátricos e manicômios, apesar de 28 afirmarem que convivem com familiares com doenças mentais e 84 conviverem com doente mental, mas não terem conhecimento da doença e o que mais se destacou foi o fato de que 123 estudantes participantes da pesquisa nunca haviam obtido esclarecimentos sobre doenças mentais na escola, apesar de 135 apontarem que achariam importante um programa básico de saúde mental nas escolas. Os resultados reforçam a presença de desconhecimento de assuntos relacionados à saúde mental apesar do interesse dos estudantes na temática, fatores estes que reforçam a necessidade da mesma ser abordada no processo de escolarização.

Durante a pandemia de Covid-19 (SAAS COV2), iniciada em 2019, houve uma ampliação do debate sobre saúde mental devido aos prejuízos que o processo de isolamento e insegurança de saúde provocaram nos indivíduos. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), em parceria com outras instituições, em que foram ouvidos 33 mil jovens, entre 15 e 29 anos, foi indicado que 70% dos entrevistados afirmaram que sofreram piora em seu estado emocional.

De acordo com Ribeiro, Nascimento e Coutinho (2010), todos os indivíduos são suscetíveis de experimentar emoções desagradáveis e momentos de inquietações, porém é reafirmado por Silva et al (2007), em uma pesquisa com 960 indivíduos sobre o bem-estar psicológico nos adolescentes que existe uma tendência para o bem-estar diminuir com a idade.

Quando se debate saúde mental de forma geral as pessoas e pesquisas são direcionadas a psicologia, afinal é a área que geralmente trabalha a temática que envolve a constituição e a crise da subjetividade dos indivíduos. No entanto, queremos com este trabalho analisar os efeitos da saúde mental no ambiente educacional a partir da lupa da educação buscando identificar fatores educacionais relacionados a geração de prejuízos a saúde mental em

estudantes do ensino médio, refletindo de forma crítica a própria ação docente e escolar na geração de fatores negativos na saúde mental de seus estudantes.

Portanto este capítulo buscou trazer o que os artigos brasileiros falam sobre os impactos da escola na saúde mental dos estudantes delimitando especificamente para o ensino médio. De acordo com a OMS (2018), a carga global de doenças e lesões em pessoas entre 10 e 19 anos é 16% contemplada por condições de saúde mental, sendo que “Metade de todas as condições de saúde mental começam aos 14 anos de idade, mas a maioria dos casos não é detectada nem tratada.” (OMS, 2018)

A faixa etária é apontada por diversos autores como fator importante devido o ensino médio ser tipicamente frequentado por indivíduos que em sua maioria se encontram na adolescência. Nesta fase o indivíduo pode enfrentar fontes adicionais de estresse (ROCHIN, 2003), a prevalência de altos níveis depressivos (CAMPOS, 2016) e de ansiedade (SOARES & MARTINS, 2010) e de acordo com a OMS algumas situações são prioridades na adolescência, tais como depressão, suicídio e psicoses. Além dessas, também devem ser considerados os transtornos de ansiedade, transtornos de conduta, abuso de substâncias, transtornos alimentares e as condições médicas associadas, como diabetes e epilepsias.” (BENETTI et al, 2007). Fatores estes que reforçam a identificação do adolescente como um grupo etário vulnerável com predisposição para transtornos no campo da saúde mental (BENETTI, RAMIRES, SCHENEIDER, RODRIGUES, & TREMARIN, 2007), (FUKUDA, GARCIA E AMPARO, 2012).

Grolli, Wagner & Dalbosco (2017, 2014, p.89) conceituam a adolescência como:

(...)um período de transição entre a infância e a idade adulta, caracterizado por diversas transformações biológicas, psicológicas, sociais e familiares. Trata-se de uma fase do desenvolvimento na qual os sujeitos deparam-se com dúvidas e desafios diante das mudanças que experimentam, predispondo-os a alterações psicoafetivas.

Segundo Bardagi & Hurtz (2011) a prevalência de estresse na adolescência pode se dar por fatores internos e externos, podendo ser múltiplos e de diversas origens, sociais, escolares, biológicas, familiares. Fatores estes que configuram a fase como um momento de vulnerabilidade favorecendo o surgimento de psicopatologias, tendo diversos estudos que comprovam uma forte relação entre a vivência de eventos estressores e a presença de problemas emocionais e comportamentais durante a adolescência.

De acordo com os autores eventos estressores são situações ou acontecimentos eventuais ou sistemáticos que desafiam os limites e recursos psicológico dos indivíduos para lidar com eles. É reafirmado pelos autores que quanto mais improvável e incontrolável maior a

chance de ser percebido como estressante, contudo, Gonzaga (2016) afirma que o bem-estar psicológico está mais relacionado à como os indivíduos lidam com o estresse do que a vivência de situações consideradas como desafiadoras (Lazarus & Folkman, 1984).

Além dos eventos estressores os prejuízos a saúde mental de estudantes do ensino médio podem ter diversos fatores e entre eles o processo de escolarização ganha grande destaque como aponta estudos como o de Benevides, Sousa, Carvalho, & Caldeira (2015), com adolescentes do ensino secundário que apontou diferenças estatisticamente significativas entre sintomas de depressão e a satisfação com a escola, com a turma, com os amigos da escola, com os professores e com o desempenho acadêmico. Níveis mais elevados de depressão foram associados a um desempenho escolar inferior, enquanto alunos mais satisfeitos com a escola, a turma, os amigos da escola e com os professores, apresentaram níveis menos significativos quanto a sintomas depressivos. Infere-se que tais fatores podem estar relacionados a questões intra-escolares já conhecidas como *bullying*, pressões por parte de avaliações e vestibulares enquanto fatores associados a questões extra-escolares como autoestima dos estudantes, contexto socioeconômico dos estudantes bem como questões familiares também possuem forte influência.

A escola é um espaço de construção de conhecimentos a partir da integração entre indivíduos e seus pares e em contato com professores e o corpo escolar, no entanto é considerado um ambiente complexo e com diversos conflitos se tornando uma grande representação ao convívio na sociedade e as pressões que ela contém. Porém há a necessidade de ser pensado para que seja um local de acolhimento e que deve ser trabalhado a educação em saúde visto que os estudantes do ensino médio passam em média 5 a 6 horas de seu dia na escola, um espaço fora de um ambiente familiar. No espaço escolar são cobrados que desenvolvam o máximo possível academicamente, sem contar as escolas integrais nas quais os estudantes passam ainda mais tempo no ambiente escolar que em suas próprias casas ou em ambiente familiar.

Segundo Costa, Figueiredo e Ribeiro (2013), o objetivo da escola não deve ser apenas um lugar onde se produz educação e conhecimento de forma eficaz, mas um lugar onde exista interesse e que haja saúde de todos os seus membros. A educação em saúde na escola dar-se mediante o processo onde a busca é colaborar na formação de um pensamento crítico do estudante, que tenha como resultado a aquisição de práticas que visem promover, manter e recuperar a própria saúde. (APUD SILVA, SOUSA & KUSANO, 2019, p.135)

A pressão escolar é um fator constante no decorrer da escolarização, contudo o ensino médio carrega características específicas marcadas pela pressão a respeito do mercado de

trabalho, indecisões e pressão familiar sobre uma formação futura, relacionamento com seus pares e a transição da vida adolescente para a vida adulta, além de fatores estruturais que englobam tal fase de desenvolvimento.

Segundo Moreira e Bastos (2015), “acontecem mudanças frequentemente, como as exigências no desenvolvimento de responsabilidades, que muitas vezes vem acompanhadas de angústias, conflitos internos e indecisões”, de forma que tais pressões afetam a estabilidade psicológica dos estudantes fazendo com que seja reforçada a necessidade de as escolas implementarem programas e ações de preservação da saúde mental no dia a dia das escolas.

No geral, as instituições de ensino já possuem estudantes com algum tipo de problema relacionado à saúde mental que pode ser ocasionado por diversos fatores como apresenta Avanci, et al (2007) :

Vários fatores tornam a criança e o adolescente mais vulneráveis a sofrerem problemas na área de saúde mental: a) os individuais (sexo; idade; características psicológicas como auto-estima, autoconfiança e determinação), b) os familiares (história de problemas de saúde mental, especialmente materna; problemas de álcool/drogas; violência física, psicológica e sexual; violência entre os pais; perdas por morte; separação dos pais), c) os socioculturais (pobreza, violência no contexto social, apoio/suporte social) e d) os biológicos (ASSIS & COLS, 2006; KESTILÄ & COLS, 2006; MANNINEN, HELIOVAARA, RIIHIMAKI & MAKELA, 1997; VITOLO & COLS, 2005). (AVANCI, ET AL, 2007, p.288)

Entretanto o ambiente escolar não pode ser excluído com um fator que pode causar prejuízos a saúde mental dos indivíduos, visto que é um local que ainda conta com a presença de pressões a respeito de avaliações e desempenho escolar. Além do mais, conta com conflitos entre pares como o bullying, agressões psicológicas, verbais e podendo chegar à física, além de fatores estressores que podem produzir danos à saúde mental dos estudantes. Todo esse processo gera um sofrimento psíquico e contribui para o desenvolvimento de sintomas que colocam em xeque a estabilidade emocional do estudante. Os mais evidentes são irritabilidade, apatia, insônia, mau humor, desinteresse pela escola e problemas de concentração como apontado por Avanci, et al (2007).

Portanto se pode concluir que há uma relação entre eventos ocorridos no ambiente escolar e a saúde mental de estudantes assim como há uma relação entre a saúde mental e um bom desempenho escolar, visto que de acordo com Lent (2010) “O emocional coordena o comportamento” determinando também a forma como o indivíduo vai reagir com a sociedade em torno, consigo e seus estudos.

Em referência à adolescência, Aragão, Coutinho, Araújo e Castanha (2009) explicam que este período pode ser identificado como turbulento, uma vez que o jovem

atravessa uma série de mudanças físicas e sociais que repercutem também no âmbito psicoafetivo. Por isso, os profissionais da saúde mental devem avaliar a presença de sintomas psicopatológicos e aspectos comórbidos, para intervir com adolescentes de forma efetiva (THAPAR ET AL., 2012 APUD GROLI, WAGNER & DALBOSCO,2017, p.89)

De acordo com a pesquisa feita por Grolli, Wagner & Dalbosco (2017) há uma maior incidência de estudantes com ansiedade e depressão em comparação a outros problemas mentais devido a adolescência ser um período vulnerável à instalação de sintomas depressivos e de ansiedade, por ser uma fase de reorganização emocional etária e as grandes transformações propostas para este período da vida. Fatores estes que são apontados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n°. 8.069, de 13 de junho de 1990), que aponta a adolescência como um período marcado por várias mudanças físicas, cognitivas e psicossociais (Brasil, 1990).

Assim como muitos pesquisadores reafirmam a complexidade que a adolescência propõe aos indivíduos e o risco da fase a estabilidade emocional.

CAPÍTULO 3: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Atualmente, os estudos demonstram que os problemas mentais no ambiente escolar têm tomado uma proporção preocupante, pois adolescentes e jovens, tanto do sexo feminino quanto do masculino, são afetados por transtornos mentais e demonstram com maior frequência um baixo rendimento escolar. Diferente do que é esperado, isso se dá por motivos de envolvimento com problemas legais, evasão escolar e estudantes com algum tipo de dificuldade emocional (SOUZA, FERNANDES, & MARTINS, 2013, apud SILVA ET AL, 2019, p.137)

Neste capítulo será apresentado uma revisão bibliográfica de artigos encontrados que apresentem pesquisas realizadas em escolas de ensino médio que apontem sobre saúde mental dos estudantes nesta etapa da escolarização.

3.1 A escola como espaço de estudos em saúde mental de estudantes

A escola apesar de ser um campo amplo para a realização de pesquisas direcionadas a saúde mental de adolescentes, não tem sido um espaço em que as pesquisas tenham buscado trazer respostas a respeito de fatores intraescolares que tem produzido prejuízos a saúde mental. Portanto as pesquisas existentes perpassam por objetivos que se concentram na identificação e tratamento de doenças físicas ou psicológicas apresentando as vulnerabilidades sejam físicas ou sociais de tais indivíduos. (JONES E PESQUIM, 2010; OLIVER ET AL, 2008).

Porém se faz necessário o estudo das ações escolares sobre tais fatores e estudos focados para que se tenha além de dados quantitativos sobre a saúde mental de estudantes do ensino médio, reflexões sobre a constituição do ambiente escolar, realização de ações para o benefício da saúde psicológica dos estudantes, além de identificar alunos que estejam em sofrimento psicológico para que possam receber o apoio necessário. É compreensível que pesquisas acadêmicas realizadas de forma ocasional em escolas não consigam alcançar ações a longo prazo na assistência psicológica de tais estudantes, mas as escolas estarão com estes até o fim da sua formação na educação básica, portanto seria o ambiente mais adequado para ações de promoção de saúde mental.

3.2 Metodologia

Para realização da seleção das produções foram estabelecidos dois critérios: Produções com pesquisas que apontassem sobre a saúde mental de estudantes do ensino médio realizados, entre 2005 e 2021, e produções realizados a partir de pesquisas que apontassem para fatores

escolares que causam prejuízo à saúde mental dos estudantes, que indiquem produção empírica direcionada à temática. Para seleção dos artigos utilizou-se a base de dados eletrônicos *Google acadêmico* e *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, utilizando os descritores: “Ensino médio”, “saúde mental” e “estressores escolares”, utilizando inicialmente apenas o descritor “Ensino médio” para uma breve visualização dos estudos que vem sendo feitos sobre esta etapa da educação básica e isoladamente o descritor “Estressores escolares” para visualização sobre os estudos que estão sendo realizados a respeito de estressores no ambiente escolar e posteriormente associando os descritores em duplas sendo: “Saúde mental” com “Ensino médio” e “Estressores escolares” com “Ensino médio” e por fim “Estressores escolares” com “Saúde mental”. Apesar de haver muitos artigos que apontam sobre saúde mental, observou-se uma reduzida produção empírica com o foco no ensino médio e uma escassa produção por parte da educação sobre saúde mental dos estudantes

Os textos selecionados para análise estão no quadro abaixo:

Quadro 1 – Artigos extraídos para análise - Google Acadêmico e SciELO

Autor(es)	Título do trabalho	Local e Ano de Publicação
Adriana Benevides Soares Janaína Siqueira Rodrigues Martins	Ansiedade dos estudantes diante da expectativa do exame vestibular	Paideia, 20(45), 57-62, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 2010
Verônica Grolli Marcia Fortes Wagner Simone Nenê Portela Dalbosco	Sintomas depressivos e de ansiedade em adolescentes do ensino médio	Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, 2017
Marucia Patta Bardagi a, Claudio Simon Hutz b	Eventos Estressores no Contexto Acadêmico: Uma Breve Revisão da Literatura Brasileira	Interação em Psicologia, v. 15, n. 1, 2011.
Priscila Diniz de Carvalho Mauro Virgílio Gomes de Barros Carla Meneses Santos Edilânea Nunes Melo Nilma Kelly Ribeiro de Oliveira Rodrigo Antunes Lima	Prevalência e fatores associados a indicadores negativos de saúde mental em adolescentes do ensino médio em Pernambuco	Revista Brasileira Saúde Materna Infantil, Recife, 11 (3): 227-238 jul. / set., 2011
Luiz Ricardo Vieira Gonzaga	Enfrentando provas escolares: Relações com problemas de comportamento e rendimentos acadêmico no ensino médio	Campinas, 2016
Gabriel Veloso da Silva Jéssica Bezerra Soares Juliana Coêlho de Sousa Leila Akemi Evangelista Kusano	Promoção de saúde mental para adolescentes em uma escola de ensino de médio -Um relato de experiência	Rev. Nufen: Phenom. Interd. Belém, 11(2), 133-148, mai. – ago., 2019.

Agnes Caroline Souza Pinto Izaildo Tavares Luna Adna de Araújo Silva Patrícia Neyva da Costa Pinheiro Violante Augusta Batista Braga Ângela Maria Alves e Souza	Fatores de risco associados a problemas de saúde mental em adolescentes: revisão integrativa	Rev Esc Enferm USP 2014; 48(3):555-64
Joviana Q. Avanci Simone G. Assis Raquel V. C.Oliveira Renata M. Ferreira Renata P. Pesce	Fatores Associados aos Problemas de Saúde Mental em Adolescentes	Psicologia: Teoria e Pesquisa Jul-Set 2007, Vol. 23 n. 3, pp. 287-29

Fonte: organização da autora, 2022.

Os artigos “Fatores Associados aos Problemas de Saúde Mental em Adolescentes”, Avanci, et al (2007) e “Fatores de risco associados a problemas de saúde mental em adolescentes: revisão integrativa”, Pinto et al (2014) foram selecionados como fontes primárias de estudo por serem os mais focados no estudo de fatores gerais associados a problemas de saúde mental em adolescentes para melhor visualização de tais fatores com o recorte específico em fatores escolares. Os demais artigos e tese apontados foram categorizados como fontes secundárias.

Foram selecionados 7 artigos e 1 tese, a partir dos parâmetros apresentados para tal estudo sendo identificado que a maioria dos artigos aqui selecionados partem de estudos realizados na psicologia (4 artigos e 1 tese), 1 artigo da hebiatria¹ e 2 da enfermagem, confirmando a hipótese de que a saúde mental dos estudantes têm sido um fator pouco estudado no meio acadêmico focado na educação.

Foram encontrados 2 artigos de revisão bibliográfica realizados em anos diferentes: Benetti et al (2007) e Pinto, Luna, Silva, Pinheiro, Braga, Souza (2014), que apontam a produção empírica nos estudos sobre a saúde mental de estudantes do ensino médio, incluindo estudos sobre adolescência e saúde mental, visto que é a idade em que se encontra os estudantes do ensino médio em faixa etária regular.

Quanto a produção de pesquisas quantitativas, foram identificados 3 artigos que analisam a avaliação da sintomatologia de problemas relacionados a saúde mental de estudantes do ensino médio em anos diferentes possibilitando uma melhor avaliação do avanço de tais sintomatologias com o espaço de tempo sendo: Avanci, et al (2007), Carvalho PD et al (2011) e Grolli, Wagner e Dalbosco (2017).

¹ Parte da Medicina que trata dos adolescentes.

Ainda no apontamento das pesquisas quantitativas foram selecionados 1 artigo e 1 tese que direcionados ao impacto de avaliações e vestibulares na saúde mental com espaço de 6 anos entre as produções: Soares & Martins (2010) e Gonzaga (2016) e foi identificado uma crescente nos estudos sobre avaliações e a saúde mental dos estudantes.

Por fim foi identificado apenas um artigo que apresenta caráter de relato de experiência na promoção de saúde mental de adolescentes estudantes do ensino médio, produção está direcionada a presença da enfermagem no ambiente escolar. Silva, Soares, Sousa e Kusano (2019).

Durante a seleção de artigos que relatem sobre fatores escolares que influenciam a saúde mental dos estudantes foi encontrado uma significativa quantidade de pesquisas que apontam para a realização de provas e avaliações e os efeitos na saúde mental dos estudantes.

Para introdução da revisão dos artigos a primeira parte desta revisão apontará uma breve síntese dos artigos que abordam sobre o assunto para observação da produção empírica na temática. Em seguida será apresentado a análise dos resultados dos artigos quantitativos sobre a avaliação da sintomatologia de problemas na saúde mental de estudantes do ensino médio, objetivando apontar fatores escolares que causam prejuízo a saúde mental de estudantes. Esta revisão partirá apontando os resultados da seleção dos artigos que mapeiam a saúde mental dos estudantes e apontam fatores apresentados em pesquisas como fatores que influenciam a saúde mental de estudantes do ensino médio.

Em uma terceira etapa deste capítulo é apresentado fatores escolares identificados como problemas focais na saúde mental dos estudantes de acordo com o estudo de Luís Ricardo Gonzaga (2016) que buscou descrever e analisar eventos estressores acadêmicos como: ansiedade de prova, os problemas emocionais e de comportamento além de apontar o enfrentamento e o desempenho escolar nesta relação com um estudo realizado com 411 adolescentes estudantes do ensino médio.

Os artigos analisados foram realizados em anos diferentes e em diversos locais do Brasil, com diferentes instrumentos para que fosse alcançado uma maior amplitude sobre os fatores de prevalência de prejuízo à saúde mental dos estudantes.

A revisão realizada por Pinto ACS, Luna IT, Silva AA, Pinheiro PNC, Braga VAB e Souza AMA (2014) identificou na literatura entre 2007 e 2013, 53 artigos que apontassem fatores associados à saúde mental de adolescentes. Destes foi identificado que 77,4% dos estudos eram de ordem quantitativa, sendo destes 60,4% eram advindos da enfermagem e dos artigos identificados apenas 11,3% (6) eram de produção brasileira e no geral apenas 22,6% das produções eram pertencentes a educação com levantamento referentes a fatores escolares como

baixo desempenho escolar, bullying, pertencer a classe D ou E; e pressão social dos pares e da vida acadêmica enquanto os fatores mais apontados nos artigos são fatores individuais (43,4%), drogadição (41,5%) e fatores sociais (32,0%).

Características que se repetiram na revisão feita por Benetti SPC et al (2007), onde objetivou-se também analisar a produção científica, entre 1995 e 2005, a respeito de adolescentes e fatores que envolvam a saúde mental deles. Obteve-se como resultado 267 artigos, sendo a área médica responsável por 60% da produção nacional tendo a psicologia como responsável por 22% e saúde coletiva 9% das produções científicas e apenas 0,21% das produções por parte da educação. As produções a respeito de adolescentes mais apontados de acordo com as autoras foram sobre drogadição (65 artigos), transtornos alimentares (50 artigos), depressão (40 artigos) e saúde mental (37 artigos).

De acordo com Benetti, et al (2007), entre os artigos que apresentam questões relacionadas à saúde mental na adolescência, 60% dos trabalhos focaram nas análises intrapessoais e apenas 30% dos mesmos apontam determinantes contextuais envolvendo família, escola e trabalho e apenas 10% dos trabalhos desmembraram questões de ordem macro como política, cultura e sociedade.

As revisões bibliográficas comprovam a escassa reflexão da saúde mental dos estudantes na produção científica educacional e por conseguinte não é refletido sobre os fatores do ambiente escolar que podem causar prejuízo à saúde mental dos estudantes e nem o efeito das práticas educacionais inadequadas nos estudantes.

Quanto aos estudos de sintomatologia, o estudo apresentado por Avanci, Assis, Oliveira, Ferreira e Pesce realizado em 2007, com o objetivo de identificar problemas relacionados a saúde mental de estudantes e fatores individuais de influência foi feito um inquérito epidemiológico com 1.923 alunos de 7^a/8^a séries e de 1^o/2^o anos de escolas públicas e privadas do município de São Gonçalo, RJ, utilizando como instrumento *Self-Reported Questionnaire* (SRQ-20) e questionários para um estudo mais amplo sobre os fatores que os alunos apontaram como influenciadores na sua saúde mental no geral, porém para este estudo feito aqui um recorte específico nos resultados focados nos alunos do ensino médio.

Os resultados apontaram para uma prevalência de Transtornos Psiquiátricos Menores (TPM) em estudantes do gênero feminino e sem diferença significativa entre os resultados obtidos na escola pública e na escola privada, bem como não houve grande diferença entre os resultados obtidos com os estudantes do ensino médio e do ensino fundamental.

Os fatores de violência psicológica no ambiente familiares foram detectados como os que mais contribuem para o prejuízo da saúde mental dos estudantes, sendo apontado pelas

autoras que os estudantes que sofreram este tipo de violência possuem 4,17 vezes mais chance de apresentar transtornos psiquiátricos menores, bem como aqueles que passaram por dificuldades no relacionamento familiar possuem 3,15 vezes mais chance de terem Transtornos Psiquiátricos Menores quando comparado aos outros estudantes que não passaram pela mesma situação.

Quanto ao ambiente escolar, o estudo apontou que estudantes com fraca participação em sala de aula apresentam 2,45 vezes mais chances de apresentar Transtornos Psiquiátricos Menores do que os que dizem ter uma participação mais ativa em sala de aula e quanto aos fatores individuais foi apontado que estudantes com baixa autoestima possuem sete vezes mais chances de apresentar TPM que os que possuem elevada autoestima.

No artigo escrito por Carvalho, Barros, Santos, Melo, Oliveira e Lima (2011) foi apresentado indicadores sobre como está a saúde mental de estudantes do ensino médio em 76 escolas em 44 municípios de Pernambuco, onde foram analisadas respostas de 4.207 adolescentes com idade entre e 14 e 19 anos. Este estudo obteve como instrumento *Global School-based Student Health Survey (GSHS)*, trazendo como diferencial de apresentar dados sobre estudantes que declararam planejar suicídio e em destaque obteve-se os resultados de que do total de alunos que participaram da pesquisa 7,8% dos estudantes planejavam suicídio e isoladamente por séries 8,4% dos que planejavam suicídio estavam no 1º ano e 12,1% estavam no 2º ano e tendo prevalência em adolescentes que declararam não residir com os pais e entre aqueles que trabalham.

Alguns indicadores apresentavam igualdade com os outros artigos analisados bem como predomínio de problemas relacionados à saúde mental em meninas e alunos de turmas de EJA em comparação aos outros estudantes participantes da pesquisa.

No estudo realizado por Grolli, Wagner e Dalbosco, em 2017, em um uma escola pública de ensino médio do Rio Grande do Sul com o objetivo de verificar através das respostas dos estudantes ao Inventário de Beck (BDI) e ao Inventário de Ansiedade de Beck (BAI) a prevalência de sintomas depressivos e de ansiedade em adolescentes concluintes do ensino médio, para este estudo foram selecionados 70 estudantes entre 16 e 19 anos. Os resultados apontaram para maiores taxas de sintomas mínimos quando comparados às taxas de sintomas leves, moderados e graves. Foi observado a presença de diferença entre gênero, visto que havia o predomínio de sintomas tanto depressivos, quanto de ansiedade e em adolescentes do sexo feminino do que em adolescentes do sexo masculino.

Outro fator de predominância para sintomas de depressão e ansiedade indicados pelas autoras foi o fato de estudantes que frequentam a escola no período noturno apresentarem

maiores taxas de sintomatologia depressiva e ansiosa que estudantes do noturno, sendo que os estudantes do noturno manifestaram sintomas leves 22,5%, moderados 17,5% e graves 10%, enquanto os alunos do diurno 10% apontaram possuir sintomas leves, 10% moderados e nenhum estudante apontou ter sintomas graves.

O artigo “Ansiedade dos estudantes diante da expectativa do exame vestibular” realizado, em 2010, por Soares e Martins apresenta a análise do comparativo dos sintomas de ansiedade entre estudantes do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio próximo a fase de realização de provas de vestibular. O estudo contou com 124 estudantes com faixa etária entre 14,8 anos e 16,8 anos, cursando o 1º, 2º ou 3º ano do ensino médio em 4 escolas de ensino privado do interior de Minas Gerais que seriam participantes do vestibular seriado PISM Processo de Ingresso Seletivo Misto (PISM) para ingresso no ensino superior.

Através do Inventário de Ansiedade Traço-Estado – IDATE para identificar os níveis de ansiedade nos estudantes pode-se observar que estudantes do sexo feminino são mais sujeitos a ansiedade que os estudantes do sexo masculino, o que as autoras relacionaram a outras pesquisas que apontam o risco maior de mulheres desenvolverem transtorno de ansiedade e na caracterização de outros transtornos. As pesquisas não identificaram diferenças significativas de diferença entre os níveis de ansiedade entre alunos do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, ou seja os alunos do 1º possuem os mesmos níveis de ansiedade, que os alunos que estão na fase final da avaliação próximos a concluir o ensino médio, o que de acordo com as autoras reforça a ideia de que os alunos mais novos estão tendo uma menor quantidade de bem-estar e o vestibular seriado se apresenta como um fator que tem afetado fazendo com que os alunos do 1º ano possuam níveis excessivos de ansiedade para a idade.

Os estudos também apontaram níveis maiores de ansiedade em estudantes do sexo feminino durante todo o ensino médio quando em comparativo com sexo masculino, porém no 3º ano a taxa de diferença entre ansiedade entre estudantes do sexo feminino e do masculino reduzem. Concluindo que as provas avaliativas de vestibular se configuram como um importante fator para aumento dos níveis de ansiedade e estresse em estudantes de ambos os sexos.

No artigo de Silva, Soares, Sousa e Kusano (2019) é relatado pelos acadêmicos de enfermagem uma prática de promoção de saúde mental realizada em uma escola pública de ensino médio do Distrito Federal com estudantes, de 15 a 19 anos, em que eles tiveram exposição a práticas lúdicas, filmes e rodas de conversa com o intuito de promover espaços de discussão sobre saúde mental. Durante o diagnóstico realizado em uma entrevista em que os alunos apontaram que ideação suicida era um tema no qual gostariam de obter conhecimento.

Durante a prática das atividades foi apontado pelos autores a necessidade de um espaço aberto a discussões relevantes aos estudantes bem como também foi identificado que a presença do *bullying* no ambiente escolar dificulta que estes espaços de compartilhamento ocorram de forma harmoniosa.

A tese de pós-graduação “Enfrentando provas escolares: Relações com problemas de comportamento e rendimento acadêmico no ensino médio” escrita por Gonzaga, em 2016, foi a produção científica que melhor se correlacionou a proposta deste trabalho, visto que o autor faz a junção de dados referentes a ansiedade de prova fazendo um panorama histórico das pesquisas realizadas com o enfoque de apresentar o que é ansiedade de prova como psicopatologia e que está presente no cotidiano dos estudantes e traz outros estressores interno e externos que produzem prejuízos a saúde mental dos estudantes.

Gonzaga (2015) afirma que a ansiedade de provas vem sendo estudada há algum tempo possuindo um longo panorama histórico (STOBER & PEKRUN, 2004 e ZEIDNER, 1998), com o avanço dos estudos sobre estresse no século XX foram comprovadas as alterações fisiológicas do período avaliativo no corpo humano, o que gerou a criação da escala psicométrica e posteriormente com os estudos de Sarason e Mandeller gerou a criação do *Test Anxiety Questionnaire* e com o decorrer das pesquisas surgiram novas escalas para análise da ansiedade de provas no corpo humano, apesar de tais avanços nos estudos Gonzaga (2016) aponta que os estudos sobre ansiedade de provas e os estudos que se desenvolvem para esta análise se encontram em fase inicial no Brasil. (CANNON, 1929; BROWN et al, 1930; ZEIDNER, 1998,).

Para analisar eventos estressores acadêmicos, ansiedade de prova, enfrentamento, desempenho acadêmico, os problemas emocionais e comportamentais em adolescentes estudantes do ensino médio Gonzaga (2016) aplicou o *Test Anxiety Scale* (TAS) (Sarason, 1958), a escala Escala de Coping de Ansiedade de Prova (ECAP) e os inventários *Young Self Report* (YSR), *Adolescent/Child's Self-Report Response to stress- Academic problems* (RSQ-AS), *Motivational Theory of Coping Scale -12* (MTC-12) e Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) em 411 adolescentes (246 do gênero feminino e 165 do gênero masculino) com idades entre 14 e 20 anos, estudantes do ensino médio de uma escola pública localizada no bairro da Lapa, SP, Brasil.

Os resultados apontaram que os alunos possuíam médias mais altas nas disciplinas de Artes (7,33), Inglês (7,18) e Matemática (7,02), porém 27 alunos tiveram desempenho abaixo da média com indicativo de possível reprovação.

Nos testes referentes ao comportamento dos estudantes foi identificado que 20,84% dos estudantes possuíam indicadores de problemas de comportamento, sendo que 36,68% se

caracterizavam como do tipo internalizante e 18,21% como externalizante, tendo maiores frequências de queixas somática (M=57,27), problemas de Ansiedade/Depressão (M=55,89), Problemas com o Pensamento (M= 55,58), Comportamento Agressivo (M= 55,06), Problemas de Sociabilidade (M=54,37), Violação de Regras (M=54,00) e Problemas de Atenção (53,13), além do apontamento de 62,53% dos estudantes apresentarem ansiedade de prova de acordo com o *Test Anxiety Scale* (TAS), com prevalência de estudantes do gênero feminino, principalmente do 3° ano (70,37%) atribuído ao estressor externo vestibular.

Outro grupo predominante no apontamento de ansiedade de provas foram os estudantes do 1° ano do ensino médio que associaram os sentimentos de tristeza, medo e raiva como reações emocionais atribuídas a situações antes, durante e após realizarem provas.

Quanto aos problemas de comportamento e emocionais foi detectado que quanto maior a presença de problemas externalizantes nestes estudantes menor o desempenho acadêmico; bem como a presença de mais problemas externalizantes e de desempenho escolar em estudantes que trabalhavam e estudavam.

Correlacionando com as demais produções apresentadas a de Gonzaga (2015) apontou também que as estudantes do gênero feminino apresentaram mais problemas de comportamento e problemas internalizantes (42,54%) que os alunos do gênero masculino, bem como os estudantes mais velhos apresentaram prevalência de problemas de comportamento (20,84%), enquanto os alunos do 1° ano apontaram a prevalência de problemas externalizantes.

Quanto a avaliação de situações estressoras no ambiente escolar foi utilizada a escala *Adolescent/Child's Self-Report Response to stress- Academic problems* (RSQ-AS), em que os estudantes utilizaram a escala: nunca, às vezes, quase sempre e sempre para indicar o quanto as situações que demonstravam ser uma situação de estresse. Os resultados indicaram que os estressores apontados com frequência maior que 50% no percentual “às vezes” são: Com 71,77% “Ir mal ao fazer uma prova ou um trabalho”, 64,91% “tirar notas baixas”, 59,10% “não conseguir entender os assuntos durante as aulas”, 53,56% “não entender o dever de casa”, enquanto os fatores dos percentuais “quase sempre e sempre” somados apontaram o fato “ter aulas ou professores ruins” como um estressor prevalente sendo apontado por 41,41% dos estudantes e tais fatores foram apontados como relacionais para o desenvolvimento de ansiedade de provas.

Quanto as estratégias de enfrentamento foram observadas a relação entre o *Coping* de Engajamento de Controle Primário, que se associa a baixos níveis de ansiedade e depressão e Engajamento de Controle Secundário que se associa com um melhor ajustamento psicológico

com um bom desempenho acadêmico, enquanto as estratégias de estresse mal adaptativas foram apontadas com relação negativa ao desempenho dos estudantes.

Depreende-se de tal estudo e dos demais apresentados acima que tanto a saúde mental influencia no desempenho acadêmico, quanto o desempenho acadêmico influencia na saúde mental dos estudantes.

Infere-se das leituras aqui apontadas que fatores externos também apontados como estressores externos são podem influenciar negativamente o desenvolvimento acadêmico e mental de estudantes no geral, porém visando que os estudantes do ensino médio em sua maioria são adolescentes, se destacam como população vulnerável para o desenvolvimento de problemas relacionados a saúde mental e mais sensíveis aos estressores externos. Correlacionando aos estressores escolares citados nas bibliografias aqui citadas será apresentado a abaixo, fatores escolares mais identificados como prejudiciais à saúde mental dos estudantes de ensino médio de acordo com a literatura analisada.

3.3 Síntese dos resultados: fatores escolares prejudiciais à saúde mental dos estudantes de Ensino Médio

Bullying

O termo Bullying de acordo com Palácios e Rego (2006) é usado para “designar uma prática perversa de humilhações sistemáticas de crianças e adolescentes no ambiente escolar”, podendo ser caracterizada por violências do tipo verbal, física ou patrimonial e constantemente presente no ambiente no ambiente escolar. Sendo apontado por Pinto et al (2014) como um problema que se configura como um fator de risco escolar para o desenvolvimento de problemas de saúde mental, sendo apontado em outros estudos como um fator característico na geração de comprometimento à integridade física e mental podendo ser um gerador de problemas relacionados à depressão, ansiedade, hiperatividade, atitudes agressivas, transtornos de personalidade antissocial, traumas e em casos extremos podendo levar ao indivíduo que sofre ao suicídio, visto que Pinto et al (2014) sugere que os indivíduos vítimas de bullying possuem tendência a serem tímidos e apresentarem dificuldade em se relacionarem com os seus pares prejudicando o desenvolvimento social e o rendimento escolar dos indivíduos podendo levar ao abandono escolar.

Outro fator apontado pela literatura é que o bullying e opressão sofrida por motivos de discriminação, racismo ou pertencimento a classe social com baixo nível socioeconômico

podem gerar um impacto pertinente na saúde psicológica dos estudantes, podendo ser um fator que altere os resultados em estudos sobre a saúde mental de estudantes.

Sendo necessário a intervenção por parte de professores e do corpo escolar para que as incidências de bullying no meio escolar sejam combatidas de forma incisiva e os estudantes conscientizados de como tal prática pode gerar impactos negativos no psicológico dos pares.

Pressão social

Neste período advêm vários sentimentos, inclusive o temor de não corresponder às expectativas da família e da sociedade que interpretam a entrada na universidade como um certificado de competência e uma condição de “sucesso”. Quando o estudante não consegue discernir o entrelaçamento desses fatores há uma invasão das angústias que distorcem a realidade, deixando funções psíquicas como razão e memória sob o domínio de emoções. Sintomas físicos indesejados também podem ser experimentados. (SOARES & MARTINS,2010)

O ensino médio se configura como a última fase do ensino básico, portanto o momento em que os indivíduos sofrem grande pressão social, familiar, escolar e por parte dos pares para que decidam o que farão ao finalizar esta etapa, que “sejam alguém na vida”, passem no vestibular, alcance êxito acadêmico nos estudos e pressões sociais características da adolescência relativas a amizades, popularidade e relacionamentos com pares já que a construção da autoimagem e visualização do mesmo como cidadão parte das relações interpessoais.(DE ANTONI E KOLLER, 2000; SUDBRACK & PEREIRA, 2003; KAPLAN & SADOCK, 1984; FUKUDA, GARCIA e AMPARO, 2012).

A pressão por parte dos pares e da vida acadêmica foi apontada no estudo de Pinto et al (2014) como um fator associado a problemas na saúde mental de adolescentes e sendo apontado pelos próprios estudantes como estressor preponderante de grande impacto na vida dos estudantes.

A pressão se configura como um fato muito presente no ambiente escolar, visto que as relações sociais por si já representam pressões de considerável impacto no psicológico dos indivíduos e as pressões por parte do corpo escolar para que os estudantes tenham bom desempenho sem que forneçam os instrumentos necessários para tal desempenho seja alcançado. Além de fatores por parte da escola como alta quantidade de projetos que não comunicam com a realidade dos estudantes, atividades disciplinares, avaliações e ações consideradas extracurriculares que produzem uma sobrecarga nos estudantes de forma que podem ser geradores de problemas como burnout precoce, visto que muitos estudantes além de estudarem também trabalham.

A escolha da profissão também se configura como uma pressão constante no meio escolar sendo esta fase apontada por pesquisas como um fator significativo nos sintomas de ansiedade por ser marcada presença de dúvidas, questionamentos e frustrações (SOARES & MARTINS,2010). O que de acordo Bianchetti (1996) também é dificultado pela fase de desenvolvimento em que o indivíduo está passando e no caso da adolescência pelo indivíduo ainda enfrentar crises e conflitos da fase e não possui maturidade para suficiente para realizar esta escolha de forma autônoma (SOARES & MARTINS,2010), portanto vários autores reforçam a necessidade da orientação psicológica e escolar nesta fase para auxílio dos estudantes e reforçado com Levenfus (1997) que a instituição escolar pode facilitar este processo e proporcionando o alívio da pressão estabelecida sobre a escolha profissional do estudantes fornecendo conhecimento ao mesmo e apoio por parte da orientação psicológica e pedagógica (DUARTE, 2009; SOARES & MARTINS; SOARES,2004)

Vestibular e avaliações escolares

Já apontado aqui pelas diversas literaturas referentes ao tema, o vestibular e a pressão por parte de avaliações internas e externas produz forte impacto negativo na saúde mental dos estudantes, sendo um grande causador de ansiedade, tendo inclusive uma psicopatologia específica, ansiedade prova, considerada comum em estudantes e está relacionada ao transtorno de ansiedade, porém no ensino médio a pressão relacionada a exames vestibulares expandem o impacto de tal fator, como aponta estudos de Calais e cols (2003) onde foi observado que estudantes de pré vestibular e do 3ºano do ensino médio possuíam maiores níveis de estresse que estudantes universitários.

Soares e Martins (2010) definem vestibular como “um exame que qualifica os estudantes a ingressar na universidade e, portanto, tem prerrogativas seletivas e classificatórias”, possuindo características de rotular, qualificar e avaliar os estudantes de acordo com o desempenho que alcança e por apresentar tais características. D’Avila e Soares (2003), reforçam que tal tipo de avaliação pode ser um gerador conflitos, dúvidas, medo, estresse e ansiedade, sendo causada pelo medo de reprovação e apontado no estudo de Calais, Andrade e Lipp (2003), como as maiores taxas de ansiedade em estudantes durante o vestibular se apresentando como um estressor de grande impacto na vida de estudantes. (SOARES & MARTINS, 2010)

Alguns sentimentos como o de solidão, insegurança e dúvidas (característicos da adolescência e que acompanham os vestibulandos durante quase todo o período pré-vestibular) podem resultar em pânico, sentimentos de incompetência e incapacidade.

O drama psicológico vivido vai aumentando à medida que o exame se aproxima. O vestibulando pode vir a sofrer distúrbios psicofisiológicos levando até mesmo a depressão. (SOARES,2002)

O sistema de classificação por notas leva o aluno à competição para a realização pessoal no desejo de ser aceito e valorizado pela família e pela sociedade. O fracasso pode levar a formação da crença que só os competentes bem sucedidos são amados e a possibilidade de fracassar e não ser amado por consequência pode ser vivida com sofrimento, tensão e ansiedade. (SOARES & MARTINS, 2010).

Apesar de haver uma variedade de vestibulares, o método de ingresso na educação superior é muito questionado no meio educacional por não medir o real desempenho dos estudantes, sendo que fatores externos a avaliação como nervosismo, ansiedade e outros podem influenciar diretamente ao desempenho do estudante e ainda é questionado fatores como quantidade de questões, conteúdos excessivos e quantitativo de vagas que podem ditar o sucesso ou não do indivíduo na realização do vestibular. (LEVENFUS, 1993)

De acordo com Gonzaga (2016), nos meios educacionais há a prevalência de 30% a 33% dos estudantes com algum tipo de ansiedade severa em referência a ansiedade de prova e estes apresentam maior dificuldade de aprendizagem, memorização de conteúdo e pior desenvolvimento acadêmico. (CASSADY & JOHNSON,2002; SOARES & MARTIN, 2010).

A ansiedade de provas impacta de forma tão negativa na saúde psicológica dos estudantes devido a apresentar reações psicológica, fisiológicas e comportamentais produzindo prejuízos a qualidade de vida do estudante referentes ao medo do fracasso ou mau desempenho na avaliação. Visto que o indivíduo visualiza a mesma como uma ameaça pessoal, sendo ressaltado por Gonzaga (2016) que a ansiedade é apenas uma das muitas emoções produzidas ao vivenciar o contexto de provas e avaliações e é apontado por Pinto et al (2014) que estudantes que enfrentaram eventos estressores como vestibular e não utilizaram estratégias para enfrentá-los apresentaram outras psicopatologias, de forma que Gonzaga (2016) bem como outros autores ressaltam a importância do ensino de estratégias de enfrentamento para que possam ser reduzidos os impactos dos exames vestibulares e demais avaliações na saúde mental dos estudantes.

Professores mal preparados

Ao apontar a prática de professores como um fator de possível geração de prejuízo a saúde mental dos estudantes se faz necessário o desmembramento de que práticas e metodologias inadequadas realizadas por professores. Entre elas: rever a prática de aplicação excessiva de exercícios avaliativos; reavaliar as metodologias ultrapassadas e desgastantes; tomar cuidado com práticas vexatórias para com os alunos e desvalorização dos mesmos,

afetam negativamente o desenvolvimento do psicológico dos estudantes. Preparar os professores, por meio de formação continuada, para lidar com questões referentes à saúde mental dos estudantes e agir com aqueles que possuem algum transtorno mental e saber identificar os sinais de alerta para auxiliar aos mesmos.

A falta de preparo por parte dos profissionais da educação para lidar com a saúde mental dos estudantes no ambiente escolar, assim como a falta de capacitação docente para estar na sala de aula fazem com que os professores se tornem possíveis propulsores de práticas que podem causar sofrimento psicológico aos estudantes.

De acordo com os estudos de Soares et al (2014), os professores indicaram que a falta de informação gera insegurança e despreparo para enfrentar situações cotidianas envolvendo transtornos mentais coadunando com Pavri e Monda-Amaya (2000) que aponta que a falta de capacitação faz com que os professores não saibam lidar com problemas relacionados a saúde mental dos estudantes. Grolli, Wagner e Dalbosco (2017) reforçam que é imprescindível que os educadores estejam atentos e preparados para identificar a presença de sofrimento psíquico nos estudantes, conseguindo alcançar a intervenção de forma adequada evitando repercussões negativas maiores como insucesso escolar, suicídio e evasão escolar. Steinhart e Dolbier (2008) e Gonzaga (2016) reafirmam que o manejo inadequado do estresse pode se tornar um fator gerador de problemas psicológicos e sociais reforçando a necessidade da ação adequada e assertiva por parte não só dos professores, mas de todo corpo educacional para com os estudantes.

Evasão

A evasão escolar é uma característica bem presente no ensino médio no Brasil, sendo considerado um desafio a ser superado na escolarização do país estando apresentada em diversas metas para educação do país como Plano Desenvolvimento da Educação (PDE), Plano Nacional da Educação (PNE) e Novo Ensino Médio (NEM).

As causas da evasão escolar são diversas podendo ser por fatores escolares como baixo desempenho escolar, não gostar da instituição ou dos professores ou podem ser fatores individuais como gravidez, falta de motivação, baixa autoestima, falta de encorajamento parental, treinamento inadequado para jovens que não pretendem ingressar na faculdade, problemas disciplinares, casamento, ter que parar de estudar para ingressar no mercado de trabalho, drogas, violência ou ingresso na criminalidade. (PAPALIA e OLDS, 2000; SCHOEN-FERREIRA et al,2002)

Além da evasão ser um fator que pode gerar prejuízo a saúde mental dos estudantes, se faz necessário reforçar que é um fator interrelacional visto que os estudantes afetados por doenças mentais possuem maiores chances de abandonar os estudos devido a condição psicológica em que se encontra. (SOARES et al,2014)

3.4 Ações que favorecem a saúde mental dos estudantes de Ensino Médio

Diálogo

A importância do diálogo nos ambientes educativos não é um assunto novo, já tendo sido debatido por grandes pensadores e pesquisadores, apesar de ser um tema constantemente falado e retratado nas documentações bases da educação, ainda é um tema relevante que precisa ser constantemente movimentado para que os espaços educativos sejam construídos de forma que atenda às necessidades de todos e os indivíduos possam se libertar de suas opressões em conjunto. (FREIRE ,1987)

A escola vem avançando no relacionamento com a pluralidade e singularidades dos estudantes, mas a falta de respeito as diferenças existentes ainda persistem no ambiente escolar. Essa postura provoca graves problemas, por isso a defesa ao diálogo na escola se torna fundamental. Temas como: a orientação sexual, racismo, depressão, ansiedade, habilidades emocionais e sociais e outros consistem em debates relevantes para os estudantes. Rodas de conversas podem ampliar o diálogo e abertura aos alunos para que se expressem. assim como se torna fundamental oficinas de incentivo a autoestima de estudantes principalmente com adolescentes do sexo feminino (público de maior prevalência de problemas mentais de acordo com os estudos), visto que este é um fator fortemente apontado como de impacto nos estudos referentes a saúde mental dos estudantes.

Faz-se fundamental a construção de espaços no ambiente escolar para que alunos contem seus dilemas e tenham um espaço de escuta respeitosa bem como momentos que possam se expressar seja através das artes, da música, poesia, escritas, de forma que consiga expressar seu ser e existir no mundo. Com isso diminuindo as tensões geradas a respeito de si mesmos e dos espaços em que estão incluídos. Sendo assim é ressaltada a importância do diálogo não apenas em rodas de conversas, projetos e programas escolares, mas como prática fundamental no desenvolvimento da ação educativa.

Projetos escolares

Um fator preponderante nos estudos aqui apontados é a necessidade de haver programas escolares que contribuam, debatam, criem espaços de diálogo sobre saúde mental e que ensinem recursos de enfrentamento de estresse aos estudantes. É importante que eles encontrem no ambiente escolar um espaço de conhecimentos sobre cuidados com a saúde mental e acolhimento adequado com profissionais preparados para orientar os estudantes e encaminhar os casos mais graves para o acompanhamento adequado.

Aliado a esses aspectos, é crucial priorizar, também, o ensino do autocuidado, onde seja ensinado aos estudantes a importância não apenas de cuidar da aparência física, mas da saúde como um todo. Ensiná-los a reconhecer sinais de que o emocional não está bem e como cuidar dele. Oficinas voltadas para apreender formas de aliviar conflitos existenciais e como cuidar da saúde mental durante uma prova ou um momento de tensão. Além disso, saber observar os sinais que o corpo dá, tendo também oficinas de desenvolvimento socioemocional objetivando ensinar os alunos a tomar atitudes assertivas auxiliando os a se posicionar diante de conflitos da melhor forma possível. (GROLLI, WAGNER e DALBOSCO,2017)

Promover a cultura de paz em ambientes escolares é um fator fundamental, visto que cada vez tem se tornado mais comum ver brigas e agressões no ambiente escolar. As alterações hormonais e emocionais pelas quais os estudantes passam ao decorrer do ensino médio é previsível que haja momentos estressores entre os pares, porém o preparo para agir de forma assertiva nesses momentos pode fazer total diferença evitando brigas e conflitos. Pois a escola não é um espaço onde os fatores só influenciam ao ambiente escolar, mas influenciam a sociedade em torno da escolar de tal forma que não é difícil observar brigas entre estudantes nas regiões em torno das escolas e cada vez mais agressões de grande proporção entre estudantes, ocasionadas muitas vezes por fatores relacionais como namoros ou ciúmes, assim como fatores como *bullying*, racismo e homofobia.

A emergência da assistência as questões emocionais dos estudantes não é um fator recente, porém o surgimento de projetos na área educacional focados na saúde mental dos estudantes vêm sendo implantado de forma mais recentes como o programa implantado em 2015 pela CIPAVE (Comissões Internas de Prevenção a Acidentes e Violência Escolar) nas escolas do Rio Grande do Sul, onde são realizados projetos com dinâmicas de grupo e são trabalhadas questões relacionadas à paz, respeito, autoestima e autocuidado.

Com as emergências globais estabelecidas pela Pandemia de COVID-19 (SARS COV-2) iniciada em 2019 a saúde mental foi um fator muito afetado nos indivíduos. O distanciamento social fez com que o debate sobre saúde mental fosse ampliado visto que o número de pessoas desenvolvendo transtornos mentais foi crescente. Fato que provocou novos debates sobre o

sofrimento psicológico e a necessidade de cuidar da saúde mental, pois se tornou mais visível a necessidade de ações relacionadas a saúde mental por parte das diversas instituições da sociedade, inclusive no meio escolar. O novo contexto promoveu a criação de novos projetos para o cuidado da saúde mental de professores e estudantes devido às novas demandas decorrente da pandemia

Entre os projetos aplicados em escolas do ensino público como o trabalho realizado pela Secretaria de Educação do Amazonas (SEDUC-AM) com a criação da Coordenação de Atenção Psicossocial em 2019. Processo destinado a criação de uma equipe interdisciplinar focada na promoção da saúde mental nas escolas do Amazonas, onde há o foco de orientar projetos e programas educacionais direcionados a saúde tanto de alunos quanto professores. Durante a pandemia de março de 2020 houve a oferta de teleconsultas para aqueles que apresentaram sinais de sofrimento emocional.

Estes projetos são de grande importância para que saúde mental na escola não seja debatido apenas em setembro durante os projetos de prevenção ao suicídio e esquecido durante todo o ano. Portanto é reforçada a necessidade de tais projetos para reflexões da ação escolar para que se consiga evitar que as opressões e eventos estressores sejam debatidos por apenas um mês e parem de ser combatidos nos demais meses fazendo que as ações de intervenção sejam inconsistentes e não alcancem os objetivos desejados. (GARBER e WEERSING, 2010; ROBITSCHKE E COOK, 1999; GROLLI, WAGNER e DALBOSCO, 2017)

Outro projeto de relevância sobre a saúde mental de adolescentes estudantes é o realizado pelo estado de São Paulo em parceria com a Universidade de São Paulo (USP) que realizou a formação dos professores para identificar o adoecimento psicológico dos estudantes. O projeto forneceu meios de diálogo sobre a saúde mental dos próprios profissionais presentes nas escolas. O projeto saúde mental nas escolas que teve material formado por especialistas no estado de SP, para implementação nas escolas de São Paulo através de um sistema de apoio e formação entre as escolas e secretarias de ensino, com diretores e gestores de escolas públicas.

Projetos como estes no ambiente escolar são importantes, pois para muitos a escola será o único lugar onde serão ensinados a cuidar da mente e o único lugar onde possam estabelecer diálogo e serem acolhidos em um espaço de estabelecimento de vínculos saudáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o aprofundamento nas questões relacionadas a saúde mental dos estudantes do ensino médio foi necessário compreender a organização do ensino médio, aspectos históricos normativos e levantar dados históricos em fontes primárias e secundárias para caracterizar problema e transtorno psicológico, bem como identificar os mais comuns entre os adolescentes, de 15 a 18 anos, idade em que frequentemente os indivíduos estão cursando o ensino médio.

O ensino Médio no Brasil é marcado pela falta de identidade definida, na qual há a predominância da dualidade entre a formação dos estudantes para o ingresso no ensino superior e o ensino profissionalizante. (KRAWCZYK,2011). A história do ensino médio no Brasil é apresentada por esta dualidade e um esquecimento quando comparada às outras fases do ensino básico. Esta etapa tem alcançado mais espaços desde a década de 90 e com a obrigatoriedade conquistada em 2009 através da emenda constitucional nº59/2009 quando tornou obrigatório o ensino de pessoas de 6 a 17 anos, faz se necessário uma atenção focada nos processos de desenvolvimento humano. Esta ampliação do ensino básico trouxe novas demandas como oferta, recursos e políticas públicas afim de sanar os desafios propostos pela etapa de ensino, entre eles a evasão escolar que se configurou como um problema do ensino médio. Com a proposta de diminuir a evasão escolar e gerar mais identificação dos alunos com os conteúdos e dar mais “autonomia” aos estudantes através da medida provisória 746/2016. Todo o processo se configurou, posteriormente, como a lei nº13.415 de 2017 surgiu o chamado de “Novo ensino médio” ou “Reforma no ensino médio”. Essa reforma mudou a estrutura do ensino médio no país com maior presença do ensino profissionalizante e uma organização dos conteúdos com base no desenvolvimento de habilidades fomentado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Em seguida, se trouxe reflexões sobre como as discussões sobre saúde mental são amplas e ainda muito marcadas por tabus e falta de conhecimento, o que torna a temática pouco trabalhada no ambiente escolar por falta de conhecimento por parte do corpo escolar e falta de capacitação para lidar com tal temática. Além de ser pouco apresentado nos documentos base da educação no país, bem como no currículo a falta de presença da temática, apesar de a prevenção e promoção da saúde serem fatores apresentados na Constituição federal de 1988 o espaço escolar ainda não é apresentado como um espaço propício a essas ações.

O capítulo 3 do presente trabalho objetivou responder o questionamento sobre quais fatores escolares influenciam na geração de prejuízos à saúde mental em estudantes do ensino médio e através da revisão bibliográfica de artigos buscou identificar as produções científicas publicadas, entre 2005 e 2021, sobre a saúde mental dos estudantes do ensino médio com o foco em identificar fatores escolares que fossem geradores de adoecimento psicológico nos estudantes.

Conclui-se dos artigos analisados a prevalência de problemas na saúde mental de estudantes do sexo feminino, sendo este um fator apresentado em todas as produções analisadas necessitando de mais estudos na área que expliquem tal fenômeno. A relação familiar também foi apresentada como um fator de influência na saúde mental, se configurando como de grande importância, afinal os cuidados com a saúde mental deveria iniciar no lar seja com cuidados diários com estrutura adequada para formação emocional seja ao buscar o atendimento necessário quando observado adoecimento emocional, porém esta fase apresenta como característica no geral um distanciamento entre pais e estudantes dificultando até mesmo o acesso da escola aos responsáveis para criação de uma comunidade de apoio ao estudante com adoecimento emocional.

Os artigos analisados reforçam também a predominância da sintomatologia de depressão e ansiedade nos estudantes com índices que apontam a necessidade de ações nos ambientes escolares e políticas públicas que promovam a saúde mental dos estudantes.

Fatores como má preparação dos professores, vestibulares e avaliações, bullying, falta de diálogo e pressão foram alguns dos fatores escolares apontados pelos estudos como influenciadores negativos na saúde mental dos estudantes do ensino médio.

Considera-se que apesar de ser um tema pouco trabalhado e haver poucos projetos e programas no ambiente escolar focados na promoção da saúde mental dos estudantes, esta é uma temática que possui uma crescente nos ambientes escolares devido a emergência gerada pelo adoecimento psicológico cada vez mais presente em professores e estudantes.

DIMENSÃO 3: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

A graduação representa uma porta de início para a entrada na sala de aula como educadora, porém pretendo me aperfeiçoar realizando novas graduações em áreas diversas da licenciatura para expansão de conhecimento. Na área educacional realizar especializações em neuro psicopedagogia, orientação pedagógica com o foco no ensino de estudantes com dificuldades na aprendizagem. Aliado a esse processo tenho interesse em aproveitar as oportunidades de formação diversificada e continuada, afinal a vida pode ser ampla e conhecimento não precisa ser limitado aos livros didáticos e ao currículo engessado.

REFERÊNCIAS

ARAUJO DE MORAIS, Normanda; KOLLER, Sílvia Helena; RAFFAELLI, Marcela. Eventos estressores e indicadores de ajustamento entre adolescentes em situação de vulnerabilidade social no Brasil. **Universitas Psychologica**, v. 9, n. 3, p. 787-806, 2010.

AZEVEDO, Janete Maria Lins de; AGUIAR, Márcia Ângela. A produção do conhecimento sobre a política educacional no Brasil: um olhar a partir da ANPED. **Educação & Sociedade**, v. 22, p. 49-70, 2001.

AVANCI, Joviana Q. et al. Fatores associados aos problemas de saúde mental em adolescentes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 3, p. 287-294, 2007.

BARDAGI, Marucia Patta; HUTZ, Claudio Simon. Eventos estressores no contexto acadêmico: uma breve revisão da literatura brasileira. **Interação em Psicologia**, v. 15, n. 1, 2011.

BENETTI, Sílvia Pereira da Cruz et al. Adolescência e saúde mental: revisão de artigos brasileiros publicados em periódicos nacionais. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, n. 6, p. 1273-1282, 2007.

BENEVIDES, Joana et al. Sintomatologia depressiva e (in) satisfação escolar. Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación. **Revista de estudios e investigación en psicología y educación**, n. 5, p. A5-013-A5-018, 2015.

BRASIL, Constituição. Presidência da república. **Decreto Lei**, n. 227, 1988.

BRASIL. Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016. Exposição de Motivos. Brasília, DF: Câmara dos deputados.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 1145, de 10 de outubro de 2016. Institui o Programa de Fomento à Implementação de Escolas em Tempo Integral, criada pela Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 out 2016. Seção 1, p. 23-25

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

- BORUCHOVITCH, Evely; MEDNICK, Birgitte R. The meaning of health and illness: some considerations for health psychology. **Psico-USF**, v. 7, n. 2, p. 175-183, 2002.
- CALAIS, S. L., Andrade, L. M. B., & Lipp, M. E. N. (2003). Diferenças de sexo e escolaridade na manifestação de stress em adultos jovens. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 16, 257-263.
- CARVALHO, Priscila Diniz de et al. Condutas de risco à saúde e indicadores de estresse psicossocial em adolescentes estudantes do Ensino Médio. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 27, n. 11, p. 2095-2105, 2011.
- DELL'AGLIO, Debora; KOLLER, Sílvia Helena; YUNES, Maria Angela Mattar (Ed.). **Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção**. Casa do Psicólogo, 2006.
- DUARTE, Plinio Gladstone; DOS SANTOS LOURO, Viviane. A MÚSICA NA ESCOLA: o que os documentos legais brasileiros garantem sobre a inclusão de pessoas com transtornos psiquiátricos?. **Anais do Encontro sobre Música e Inclusão**, p. 189-204, 2019.
- EVANGELISTA, R. A., Hortense, P. F., & Sousa. A. E. F. (2004). Estimação de magnitude do estresse pelos alunos de graduação, quanto ao cuidado de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 12, 913-917.
- FEDERAL, Governo. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei federal**, v. 8, 1990.
- FEDERAL, Senado et al. Constituição da república federativa do Brasil, 1988. 1998.
- FUKUDA, Cláudia Cristina; GARCIA, Karolyne Araújo; AMPARO, Deise Matos do. Concepções de saúde mental a partir da análise do desenho de adolescentes. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 17, n. 2, p. 207-214, 2012.
- GIARDIN, Aline Rosana et al. A CONCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO A RESPEITO DE TEMAS EM SAÚDE MENTAL. 2011.
- KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. **Cadernos de pesquisa**, v. 41, n. 144, p. 752-769, 2011.
- GONZAGA, Luiz Ricardo Vieira, AMB.;Enumo,SRF.(SRF.(2015) Ansiedade de prova em estudantes do ensino médio.In: VII Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica,São Paulo. Avaliação Psicológica e seus Desafios nas Diferentes Regiões do Brasil. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie
- GONZAGA, Luiz Ricardo Vieira; DA SILVA, Andressa Melina Becker; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Ansiedade de provas em estudantes do Ensino Médio. **Psicologia Argumento**, v. 34, n. 84, 2016.

GROLI, Verônica; WAGNER, Marcia Fortes; DALBOSCO, Simone Nenê Portela. Sintomas depressivos e de ansiedade em adolescentes do ensino médio. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 9, n. 1, p. 87-103, 2017.

LAZARUS, Richard S.; FOLKMAN, Susan. **Stress, appraisal, and coping**. Springer publishing company, 1984.

LENT, Roberto. Cem bilhões de neurônios? Conceitos fundamentais de neurociências. 2. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2010.

LEVENFUS, Rosane Schotgues. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Artes Médicas, 1997.

MONDARDO, Anelise Hauschild; PEDON, Elisangela Aparecida. Estresse e desempenho acadêmico em estudantes universitários. **Revista de Ciências Humanas**, v. 6, n. 6, p. 159-180, 2005.

MOREIRA, Lenice Carrilho de Oliveira; BASTOS, Paulo Roberto Haidamus de Oliveira. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, p. 445-453, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Folha informativa-Saúde mental dos adolescentes. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839>. Acesso em: 02 de abril. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Folha informativa-Transtornos Mentais. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5652:folha-informativa-transtornos-mentais&Itemid=839>. Acesso em: 02 de abril. 2022

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Livro de recursos da OMS sobre Saúde Mental, Direitos Humanos e Legislação. Genebra: OMS, 2005

PALÁCIOS, Marisa; REGO, Sergio. Bullying: mais uma epidemia invisível?. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 30, n. 1, p. 3-5, 2006.

PAVRI, Shireen; MONDA-AMAYA, Lisa. Solidão e alunos com deficiências de aprendizagem em salas de aula inclusivas: Autopercepção, estratégias de enfrentamento e intervenções preferidas. **Pesquisa & Prática de Deficiências de Aprendizagem**, v. 15, n. 1, p. 22-33, 2000.

PINTO, Agnes Caroline Souza et al. Fatores de risco associados a problemas de saúde mental em adolescentes: revisão integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 555-564, 2014.

PINTO, José Marcelino de Rezende. O ensino médio. **Organização do ensino no Brasil: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB**. São Paulo: Xamã, p. 51-76, 2002

RIBEIRO, Karla Carolina Silveira; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; NASCIMENTO, Emily da Silva. Representação social da depressão em uma Instituição de Ensino da Rede Pública. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, p. 448-463, 2010.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena et al. Perfil e principais queixas dos clientes encaminhados ao Centro de Atendimento e Apoio Psicológico ao Adolescente (CAAA)-UNIFESP/EPM. **Psicologia em estudo**, v. 7, n. 2, p. 73-82, 2002.

SILVA, Gabriel Veloso da et al. Promoção de saúde mental para adolescente em uma escola de ensino médio-Um relato de experiência. **Revista do NUFEN**, v. 11, n. 2, p. 133-148, 2019.

SILVA, Ricardo Azevedo da et al. Bem-estar psicológico e adolescência: fatores associados. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, p. 1113-1118, 2007.

SOARES, Amanda Gonçalves Simões et al. Percepção de professores de escola pública sobre saúde mental. **Revista de Saúde Pública**, v. 48, n. 6, p. 940-948, 2014.

SOARES, Adriana Benevides; MARTINS, Janaína Siqueira Rodrigues. Ansiedade dos estudantes diante da expectativa do exame vestibular. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 20, p. 57-62, 2010.

STEINHARDT, Mary; DOLBIER, Christyn. Evaluation of a resilience intervention to enhance coping strategies and protective factors and decrease symptomatology. **Journal of American college health**, v. 56, n. 4, p. 445-453, 2008.

WHO. Global Action for the Improvement of Mental Health Care: Policies and Strategies. Genebra, World Health Organization, 1996. WHO. Classification of Mental and Behavioural Disorders: Clinical Descriptions and Diagnostic Guidelines (ICD-10). Genebra, World Health Organization, 1992..